

**MASTERS**  
**CÉU E**  
**INFERNO**



**MASTERS**  
**CÉU E**  
**INFERNO**

A D R I A N O N E V E S

1ª edição



# Sumário

## PARTE 1 — SOBRENATURAL

Capítulo 1: Laços .....	11
Capítulo 2: Chamada urgente.....	24
Capítulo 3: Voltando às origens.....	41
Capítulo 4: Passado e futuro.....	57
Capítulo 5: As lembranças do passado .....	73
Capítulo 6: Sam vence o demônio I.....	90
Capítulo 7: A estrela da manhã .....	105
Capítulo 8: Sam vence o demônio II .....	123

## PARTE 2 — PARAÍSO NA TERRA

Capítulo 9: A promessa com a amada.....	13
Capítulo 10: Bloody Mary .....	147
Capítulo 11: O apocalipse possível .....	160
Capítulo 12: Última esperança .....	178
Capítulo 13: O plano.....	195
Capítulo 14: Fim .....	209
Nota do autor.....	230



Esta é para todos que me incentivaram a continuar a escrever e perseguir meus sonhos. Obrigado a todos vocês!

Toda história tem um pouco de magia, seja como for.



# ***PARTE 1***

# **SOBRENATURAL**

---

“Eu acho que a beleza das coisas é algo que só se pode ver depois de ver o que mais há de ruim. Foi o que eu percebi, pelo menos.”

— Tom Becker para Sam.



# Capítulo 1

## Laços

### 1

Vi Edward se aproximando de mim, com aqueles passos desajeitados. Percebi que ele estava mesmo cansado.

Há algum tempo conheci Tom Becker, um homem que nasceu no Maine, mas que havia se mudado para Los Angeles quando tinha 25 anos. Hoje ele deve ter quase trinta e cinco

Estava aqui em meu apartamento, que fica no subúrbio da cidade de Los Angeles, sentado na poltrona azul escura, quando meu celular que estava no bolso de minha calça azul começou a tocar. Perguntei-me quem poderia ligar para mim naquele horário, às duas da madrugada. Não me leve a mal, não tenho muitos amigos, mas tenho motivos para isso. Minha vida não é como da maioria das pessoas, seja isso bom ou ruim. Quando peguei e atendi o celular, uma voz masculina e rouca falou do outro lado da linha, perguntando se eu era Sam Masters. Tive uma breve conversa com o cara.

Antes de tudo, é preciso saber que tenho uma espécie de negócio próprio. Monstros são reais, pode acreditar, e eu descobri isso um dia. Depois de tudo que aconteceu, eu decidi gastar parte do meu tempo para ajudar as pessoas (com preços, é claro). Não demorou muito para meus serviços ficarem populares aqui em Los Angeles. Eu nunca tentei convencer ninguém a nada, nunca disse para acreditarem no que eu digo sobre o mundo que existe lá fora, mas algumas pessoas vivem tentando me desmoronar, provar que tudo que eu falo é

mentira. Eu não as julgo, talvez nem eu acreditasse se estivesse no lugar delas, então, é compressível.

Eu e aquele homem conversamos brevemente. Bem, seu nome era Edward Hodge, estava tendo um problema como um “espírito” e pediu minha ajuda. Antes que eu pudesse responder algo, ele já começou a dizer que poderia pagar, seja qual fosse o preço, pois era um advogado de longa carreira. Por sua voz rouca e falha pude perceber que algo realmente estava o incomodando e que ele só queria ajuda, ajuda de verdade. Marquei para me encontrar com ele na frente de um bar pouco afastado do centro da cidade às dez da manhã. Ele topou na hora.

Eu não durmo. Não na maior parte do tempo, pelo menos. Mas decidi tirar um cochilo naquela madrugada, então fui até o meu pequeno quarto comum e pouco espaçoso. Deitei-me sobre a cama, sentindo o colchão macio. Uma parte de mim queria apagar um pouco, mas outra não queria, então, foi uma luta até que eu consegui dormir um pouco. Eu acordei às seis horas da manhã, senti meus olhos mais leves, me senti mais leve como um todo. Quando sai da cama, olhei em volta do quarto e fiquei parado por um tempo, apenas olhando as paredes brancas e uma televisão que havia próximo da parede da frente. Acho que só usei aquela televisão por 3 vezes na vida. Sai do quarto com o meu cabelo coçando, e entrei no banheiro que ficava ao lado da cozinha. Lá, me olhei no espelho, vi meus olhos azuis cansados e o meu cabelo preto despenteado. Eu não ligo para a minha aparência, mas os outros ligam, isso faz eu tentar parecer mais profissional quando saio. Na cozinha, abri a geladeira e peguei um pote de sorvete e uma barrinha de cereal. As pessoas não sabem que não tenho bons hábitos, pois meu corpo não demonstra. Não sou gordo, mas também não sou exatamente magro. É estranho. Eu gosto.

Por volta das nove da manhã eu comecei a me vestir em meu quarto. Coloquei uma camisa social branca e apertada que tenho, o meu melhor (e único) paletó preto e uma calça. Perto da porta que levava para fora, coloquei meus sapatos e sai, levando comigo uma pequena bolsa preta nas mãos e cinquenta dólares em um dos bolsos

do paletó. Eu morava no terceiro andar do prédio, tive que descer as escadas rapidamente e ir até o estacionamento pegar meu carro. Um Volkswagen antigo e vermelho, meu carro, uma das únicas coisas que aprecio muito. Sentei-me no carro, tirei a chave que estava dentro da bolsa em meu colo e dei partida. Inverno, o dia frio por toda Los Angeles, um clima que acho agradável.

Em alguns minutos evitando o trânsito consegui chegar até o bar. Estacionei o carro pouco atrás e saí, ainda levando a bolsa nas mãos. Cheguei cedo, só percebi isso quando olhei para o meu celular que tinha puxado do bolso da calça. Eu estava sem nada para fazer até Hodge chegar, então, optei por entrar no bar e beber umazinha. Senti o forte cheiro de álcool assim que entrei, o cheiro forte predominante naquele lugar cheio de gente visivelmente alterada. Não queria arrumar confusão com ninguém, não de forma desnecessária. Fui atendido por um velho simpático que me perguntou o que eu queria. Sorri de forma espontânea para ele e pedi a melhor cerveja que cinquenta dólares pudesse comprar, e dei o dinheiro na mão dele. O senhor me perguntou se eu queria só uma cerveja, eu respondi que sim e disse que ele poderia ficar com todo o troco. O dinheiro não faria tanta falta assim para mim. Sentei-me em uma mesa qualquer daquele lugar que acho tão chato, e fiquei olhando em volta. Eu acho que a maioria das pessoas lá eram homens brancos com mais de trinta anos. Tinha só dois homens negros, e eles eram os únicos que estavam quietos, conversando entre si enquanto bebiam alguma coisa. Vi o senhor se aproximando de mim com uma garrafa de cerveja grande, ele passou por alguns caras idiotas e me entregou a cerveja. Perguntou novamente se eu não queria o troco, mas a minha resposta ainda foi não. Não sei porque, mas eu sorri novamente e agradei. Eu vi que ele também sorriu, e foi atender outra cliente que acabava de chegar.

Abri a garrafa grande de cerveja e dei um gole, aproveitando bem aquela cerveja que acho tão boa. Peguei o meu celular no bolso da calça e vi que já eram exatas dez horas. Bebi o resto da cerveja rapidamente e acho que deixei a garrafa na mesa em que estava. Eu levantei, e quando andava em direção da saída vi aquela mulher que

tinha entrado antes. Eu acho que ela olhava para mim, com aqueles olhos verdes que também me chamaram a atenção. Ela era ruiva e bem arrumada, uma raridade naquele lugar. Sai pela porta e fiquei do lado de fora, olhando em volta para todas as direções daquela rua fria. Estava ficando entediado, quando vi que perto de onde estava, um Chevrolet impala de algum ano que não sei qual é, parou e de lá saiu um homem branco, um pouco gordo e com o sobretudo cinza batendo até o joelho. A minha mente disse que ele era Edward, e realmente era o cara. Eu vi ele saindo do carro até chegar próximo de mim, andando com aqueles passos desajeitados. Eu vi que ele parecia cansado. Dava para ver só de olhar as olheiras.

E então, aqui estava eu, na frente de um bar olhando para Edward Hodge enquanto ele olhava para mim.

— Você é Sam Masters? — perguntou ele olhando pra baixo.

— Sou. Pode me explicar com mais detalhes o que está acontecendo?

— Claro — percebi que ele disse com voz baixa. — Começou há quatro dias, o meu filho age de maneiras estranhas, faz coisas estranhas.

— Por exemplo?

— Quando vou dormir, vejo ele andando pela casa, vejo ele levitar, e, o pior... Eu vi os olhos dele ficarem pretos, e ele se virou para mim e riu. Isso foi ontem da manhã.

— Então, temos que dar um jeito nisso rápido — eu disse olhando nos olhos de Edward. — Porque o seu filho está possuído, mas não por um espírito. É um demônio.

Notei que ele pareceu ficar ainda mais pasmo, a pele branca ficou pálida como de um defunto. Eu não queria o assustar, apenas falar a verdade. Acho que ele demorou um pouco para voltar a si e me dizer que tínhamos que ir, então. Fui até meu carro, sentei-me no banco e dei partida. Hodge também entrou em seu carro e começou a dirigir. Eu o segui até o local em que o garoto estava, dirigindo rapidamente pelas ruas da cidade dos anjos, que de anjo, não tem nada. O carro dele parou em frente de uma casa pouco afastada de onde estávamos,

em uma localização privilegiada de Los Angeles. Mas não era Beverly Hills.

Eu saí do carro, e acho que ele saiu do dele ao mesmo tempo, mas não tenho certeza.

— Como isso funciona? — ele me perguntou. Vi suas mãos tremendo. — Que merda, eu era um belo agnóstico até alguns dias.

— Sabendo que o mal é real, fica mais fácil se defender dele

Dei um passo para frente e pude sentir que tinha algo ruim na casa. Demônios emanam uma energia estranha que poucas pessoas podem sentir, e eu sou um delas. Com a bolsa em minhas mãos, eu a abri e tirei um objeto muito valioso. Na minha mão direita segurei uma cruz banhada a ouro e no sangue de um homem santo.

— Você só entra e me ajuda com o que eu pedir. Quando eu disser que é pra sair, você sai.

Edward acenou com a cabeça, passou por mim e começou a andar até a porta. Pegou uma chave de um dos bolsos do sobretudo e abriu a porta com ela. Entrou na casa, e eu fui logo atrás dele. Eu achei a casa muito grande, a decoração cheia de instrumentos e quadros devia ser muito cara. Isso só no corredor que levava até a cozinha e a sala de estar.

— Ele deve estar lá em cima, no quarto — sussurrou ele para mim.

— Vai na frente, eu vou logo atrás.

Enquanto nós estávamos a subir a escada, eu vi um quadro da família Hodge. Edward, o que parecia ser a sua mulher e o garoto possuído, que era muito parecido com o pai, só que mais novo, como uns quatorze anos e magro. Eu acho que fizemos o mínimo de barulho possível, afim de evitar que qualquer coisa desse errado. Chegamos no segundo andar, e ele abriu a porta do quarto do menino. Entrou no quarto sozinho. Eu estava me escondendo do lado da porta para que o demônio não pudesse me ver.

— E aí, Jacob — disse Hodge com voz trêmula.

Ouvi um barulho de algo se chocar contra uma das paredes do quarto. Olhei de relance e vi que era o homem, estava caído no chão. Entrei rapidamente, com a bolsa pendurada em um dos meus braços,

e minha mão direita ainda segurando a cruz. Apontei-a para o demônio. Os olhos do garotinho ficaram totalmente negros, me gerando um medo e desconforto, mas eu não podia fraquejar. Ele gritou tão alto que fez meus ouvidos doerem para valer, quase me fazendo soltar a cruz. Tentando evitar a dor, aproximei-me do demônio, com a cabeça erguida e a cruz apontada bem em sua direção. Eu acho que o maligno foi quem ficou com medo, tentando recuar, mas não tinha para onde correr, a cruz banhada no sangue de um santo deixava qualquer entidade maligna fraca. Fiquei a menos de um metro dele e encostei a cruz em sua testa.

— Pelo poder de Cristo, eu digo para você sair desse corpo, espírito imundo! — Gritei com voz firme.

— NÃOOO!

A testa dele começou a queimar, a cruz tremia, mas eu a segurei firme, usando toda a minha força. Era meu *dever*.

— Não pode matar a mim, eu sou o mal, a escuridão final! — exclamou ele, fazendo-me perder parte da minha força, mandando energia negativa contra mim.

Olhei de relance para Hodge e mandei-o sair rapidamente, já que ele já tinha se levantado. Só ouvi seus passos saindo para fora do quarto. O demônio sorriu para mim, tentando me desestabilizar. Quase conseguiu, mas eu soube como usar sua própria estratégia contra ele.

— Se você é a escuridão que consome tudo, eu sou a luz que queima a escuridão e ilumina o que foi tomado pelas trevas!

— Eu sou o final da vida, sou o fogo que mata tudo!

— Eu sou o recomeço, a vida pós vida, o paraíso eterno! — exclamei, e o demônio gritou de novo. Pareceu angustiado.

— Eu sou o fim de tudo, o mal original!

— Eu sou a luz, a imagem e semelhança do criador. A esperança que mata o desespero e que te envia de volta para as trevas!

O demônio se ajoelhou, com os olhos negros sumindo e dando lugar aos olhos cor de mel do garotinho. O garoto caiu no chão, eu o

levantei e o ajudei a se manter de pé. O demônio não estava mais nele, tinha perdido.

— O que aconteceu? — perguntou o garoto olhando pra mim.

— Seu pai pode te contar depois, caso não se lembre. Agora, vamos lá.

O ajudei a descer as escadas e chegar até o sofá da sala, onde ele conseguiu se sentar sozinho. Ouvi passos atrás de mim, me virei e vi que era Edward vindo da cozinha, correndo para perto do filho.

— Jacob, você tá bem, filho? — eu o ouvi perguntar para o menino. Pareceu aliviado.

— Eu tô. O que...?

— Hodge! — chamei a atenção dele. — Vamos conversar.

Andei até a cozinha esperando por ele, que veio logo atrás. Depois de me agradecer por três vezes, ele ficou quieto para ouvir o que eu tinha para falar. Cruzei os braços e fiz uma pergunta a ele.

— Como conseguiu meu contato?

— Tom Becker me passou. Eu estava pedindo ajuda para várias pessoas, aí ele me ajudou passando seu contato. Somos conhecidos.

— Entendi — disse eu, estendendo uma de minhas mãos para ele. — Fico feliz que tudo deu certo.

Edward apertou a minha mão firmemente. Pude perceber que ele tinha poucos fios de cabelo e uma pele irritada nas mãos.

— Como posso te pagar? Qual o valor? — perguntou ele com os olhos arregalados.

— Quanto você acha que eu mereço?

Ficamos em silêncio por um tempinho. Ele mandou eu esperar um pouco e acho que subiu para o quarto dele que ficava no andar de cima. Não demorou muito para ele voltar com uma carteira e tirar 1.300 dólares dela. Disse para mim que era tudo que ele tinha em espécie no momento. Entregou o dinheiro para mim, e eu peguei rapidamente, coloquei em um dos bolsos do meu paletó e sorri. Edward retribuiu.

— Obrigado, Sam.

— De nada. Se cuide, cara.

Dei uma palmadinha em seu ombro e andei até a porta. Ele abriu para mim, e se despediu enquanto eu andava até o carro. Cheguei em casa ainda à tarde, após dirigir novamente pelas mesmas ruas da cidade dos anjos, que estavam ficando cheias. Quando cheguei na sala do apartamento tirei o paletó e os sapatos e sentei-me em minha poltrona, onde fiquei por um tempo.

## 2

Acordei em um domingo por volta das sete da manhã, com uma sensação de frio. Levantei da cama com os olhos ardendo e lavei o rosto no banheiro afim de ficar mais disposto. Odeio acordar e ficar cansado, por isso eu evito dormir. Para mim todo dia é igual, seja domingo ou segunda-feira, feriado ou não. A minha geladeira estava ficando vazia, mas tinha uma garrafa boa de cerveja que eu peguei e abri. Depois, fui para a minha poltrona na sala e dei um gole enquanto pensava no caso de Edward. Demônios não costumam possuir crianças, simplesmente por não gostarem. Eu acho que nem todo demônio é ruim, mas eu conheci muitos que são o verdadeiro caos. Pensar sobre eles causa uma certa angústia em mim.

O celular estava em cima do balcão velho da cozinha. Começou a tocar, e eu me levantei e fui atender. Fiquei verdadeiramente surpreso ao ver que era Tom quem ligava. Não pensei que ele ligaria tão cedo.

Eu tinha 22 anos quando conheci ele, foi exatamente um dia antes do meu aniversário de 23. Eu tinha acabado de ajudar uma senhora chamada Nica Lopez com um problema com um espírito que havia entrado na casa dela e perturbava suas noites de sono. Eu descobri que fantasmas são razoavelmente inofensivos. Claro que as vezes podem fazer coisas que assustam as pessoas, mas nada que seja tão perigoso. Mas eu sei que existem exceções, é claro.

Passsei em um restaurante que ficava no centro após ajudá-la. Com uma parte do dinheiro que ganhei, usei para jantar algo decente pelo

menos uma vez na vida. Eu vestia um terno e estava com o cabelo surpreendentemente arrumado, acho que isso fez eu ser bem atendido. Lembro que naquela noite comi de forma excelente, depois, pedi um copo de vinho que me custou mais de quarenta dólares. Fiquei surpreso em como as coisas podiam ser tão boas e tão caras ao mesmo tempo. Acho que fiquei no restaurante por uma hora, depois paguei o que tinha que pagar e me retirei. Tinha estacionado meu carro no estacionamento pago. Cheguei no estacionamento com a barriga doendo um pouco e vi algo que me chamou a atenção. Eu realmente vi um homem caído no chão tentando lutar contra uma força invisível. Pessoas normais achariam que ele era louco, mas eu soube que algo estava acontecendo. Não era minha obrigação ajudar, eu não ganharia nada, mas aquele cara virou o rosto e olhou desesperadamente para mim. Estava escuro no estacionamento pois era noite, e era justamente por isso que o cara estava sendo atacado. Entrei no carro rapidamente, mas não dei partida. Eu procurei por algo no banco de trás. Achei. Peguei uma lanterna e uma bíblia antiga que tenho há alguns anos. Sai do carro e corri até o cara atacado. Liguei e apontei a lanterna para ele, ou, para a coisa em cima dele. Eu pude vê-la nitidamente, aqueles olhos pretos, a pele grossa e extremamente cinza. Ela soltou o cara e pulou para trás, mas eu não parei de apontar. Com a outra mão que segurava a bíblia, apontei para a coisa e disse:

— O senhor é meu pastor, e nada me faltarás. — E vi que a coisa começou a desaparecer, como se fosse obliterada pela luz. — Volte para as trevas, escuridão!

Aquele homem se levantou e olhou para mim com olhos cansados e agradecidos. Veio até mim e olhou em meus olhos. Pude ver o rosto cansado e com gotas de sangue na testa e nariz. Ficamos em silêncio por não mais que alguns segundos, mas que parecera uma eternidade.

— Obrigado — disse ele, limpando o sangue da testa. — Quem é você, afinal?

— Meu nome é Sam. Me diga, o que estava acontecendo?

Ele ficou parado, olhando para baixo enquanto parecia estar recuando.

— Aquela coisa me atacou repentinamente.

— Eu percebi. Sabe o motivo?

Ele parou um pouco, olhou para cima e suspirou. Parecia estar calmo.

— Pode pensar o que quiser, mas tudo que vou dizer é real. — Pude perceber que ele era um pouco mais novo do eu pensava. — Eu me meti em um problema com uma... bruxa. Pode acreditar que eu dei um jeito nela, mas acho que ela invocou essa coisa pra me pegar — disse ele tentando respirar fundo. — É um tipo de demônio. Não sei como ela fez isso. Apenas sei que você salvou minha pele, amigo

Fiquei em silêncio por um tempo. Abri um sorriso pouco forçado quando ele pensou que eu ia chamar ele de maluco.

— Como você acha que eu espantei essa coisa? — perguntei enquanto ele franzia a testa. — Eu sei que tudo isso é real. Eu lido com essas coisas, como um trabalho.

O olhar dele disse tudo. Ele havia entendido perfeitamente. Abriu um sorriso que, achei que fora forçado, mas que vi era um sorriso natural. Quem era aquele cara? Tinha alguma coisa nele, alguma coisa que fez eu me sentir... bem. *Bruxa*, ele disse. Lembrei-me de um caso que lidei no passado, em que conheci uma bruxa de verdade. Bruxas e bruxos são como pessoas normais, mas com alguns conhecimentos bem poderosos. Algumas podem manipular as emoções, o clima. Algumas, podem ir muito além. Conjurar demônios especiais como aquele que eu tinha visto. Foi a segunda vez que vi um demônio noturno. Eu lidei com um quando tinha 21 anos. Descobri que eram diferentes dos outros demônios. Os outros, tem consciência de tudo que fazem, são espertos e inteligentes. Mas, estes, eram como animais selvagens movido apenas pelo instinto de caçador. Sem inteligência ou racionalidade. Fiquei curioso em como ele tinha descoberto tudo isso, mas ele me fez a voltar a si quando tocou em meu ombro.

— Meu nome é Tom Becker — disse ele, soltando meu ombro e estendendo a mão.

— Sam Masters. — Retribuí, apertando sua mão. — Prazer.

— Então, Sam — começou a dizer de forma desajeitada. Soltamos o aperto de mão. — Não é todo dia que encontro alguém como... você. Aceita beber alguma coisa?

— Eu... — Pensei no que falar. Uma parte de minha queria rejeitar por estar um pouco cansado, mas havia outra parte, que queria conversar mais com Tom. — Claro.

— Você está de carro? — Acenei com a cabeça. — OK. Eu vou pegar meu carro, aí você me acompanha até o lugar. Lá tem bebidas melhores que aqui.

Acenei com a cabeça mais uma vez. Ele foi até um carro popular preto, procurou as chaves no bolso da calça, até que achou e abriu o carro. Fui até o meu carro e dei partida, pronto para acompanhar Tom. O carro dele saiu do estacionamento, e eu segui, dirigindo nas ruas escuras de Los Angeles, com o barulho de motor e do rádio do carro tocando Carry On My Wayward Son.

Chegamos no bar, que eu iria voltar um tempo depois no que dia em que encontrei Edward Hodge. Parei o meu carro logo atrás do de Tom, e nós dois saímos quase ao mesmo tempo. Ele entrou primeiro. O acompanhei e sentamos em uma mesa no centro do estabelecimento. Estava movimentado naquela hora da noite. Um homem alto chegou na nossa mesa e perguntou o que gostaríamos de pedir. Pelo colete e pela camisa, pude ver que era um garçom ainda quando ele se aproximava. Olhei para Tom e disse para ele me surpreender. Ele sorriu ligeiramente e pediu duas doses de tequila. Uma para mim e outra para ele. O garçom se retirou.

— Noite cabulosa, né? — perguntou Tom para mim, com o olhar mais calmo. — Então, como é que você sabe de tudo isso?

— Isso o quê?

Eu sabia o que ele queria dizer, é claro.

— Demônios, espíritos. — Sua voz pareceu um pouco cansada. — Essas coisas.

Ninguém nunca havia me feito aquela pergunta. Pensei rapidamente no que dizer. Não estava pronto para contar tudo para

ele. Havia acabado de conhece-lo, mesmo ele parecendo ser um homem bom.

— Descobri ainda quando eu era adolescente. Eu lidei com um demônio que perturbava a mim e um amigo. — Era verdade, mas eu poupei muitos detalhes. Falei o que julguei necessário. — E você?

— Começou assim que me mudei para essa cidade. — Ele parou quando o garçom voltou e colocou nossas bebidas na mesa. Agradei a ele. — Um demônio matou... uma pessoa de quem eu gostava.

— Sinto muito — falei em voz cabisbaixa, segurando o copo de tequila.

— Desde então, eu fiquei furioso, querendo vingança. Eu consegui tem um tempinho, mas senti que não podia parar. Ainda existe tanto mal no mundo, né?

— Por que se mudou pra cá?

— Vim visitar meu pai que morava aqui. Muita coisa aconteceu, isso fez eu conseguir um emprego e me estabelecer nessa cidade. Não tenho muitas condições de voltar para o Maine. Um dia, talvez.

— Nossa, que barra. — Comecei a beber.

— É, mesmo. Cheguei aqui aos vinte e cinco anos. Pelo menos passei dos trinta.

— Que sorte, meu amigo!

Ele também começou a beber. Pedimos duas garrafas de cerveja depois de alguns minutos. Tom acabou dizendo que era sua namorada a mulher que morreu. Que foi *assassinada*.

Saímos do bar mais ou menos quarenta e cinco minutos depois de entrar. Na saída, lembrei-me de passar meu número de celular para ele. Ele anotou e estendeu a mão para mim. Ele com certeza estava mais bêbado que eu. Demos mais um aperto de mão e nos despedimos.

Voltei para a casa direto. Enquanto tomava um caloroso banho, comecei a pensar em Tom. Uma parte de minha sentia pena por tudo que ele passara. Ele foi a primeira pessoa *igual a mim* que conheci em Los Angeles. Dei muita sorte em conhecê-lo, em conhecer um amigo. Fazer um laço com alguém.